

E, de repente, o armário ficou apertado: dizer a verdade sobre si na mídia¹

And, suddenly, the closet got tight: tell the truth about yourself in the media

JOSENILDO SOARES BEZERRA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Doutor em Estudos da Linguagem (UFRN). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal/RN, Brasil.

Membro-fundador do grupo de pesquisa CORPOLÍTICA: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Política dos Corpos.

E-mail: soares.bezerra@gmail.com

MADJA ELAYNE DA SILVA PENHA MAGNO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Doutoranda em Estudos da Mídia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal/RN, Brasil. Membro do grupo de pesquisa CORPOLÍTICA: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Política dos Corpos.

E-mail: madjamagno@gmail.com

RESUMO

Entrevistas-confissão tem exercido, na mídia, o papel de confessor da sexualidade de sujeitos públicos, fazendo do armário, um lugar impróprio e impossível de permanecer. Para pensar essa reflexão, dialogamos com conceitos foucaultianos que versam sobre corpo (2017), sexualidade (1988), veridicção (2014), confissões (1988) e parrésia (2011). A partir de uma análise do dito do, então, governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), no programa *Conversa com Bial*, e da entrevista da governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (PT), para revista *Marie Claire*, concluímos que a saída do armário se tornou um processo biopolítico, em um confessar sobre si publicamente. A mídia é um confessor; as plataformas midiáticas, o genuflexório no qual nos ajoelhamos.

Palavras-chave: Confissão; Sexualidade; Dizer a verdade sobre si.

ABSTRACT

*Interviews-confession has played, in the media, the role of confessional of sexuality of public subjects, making the closet an inappropriate and impossible place to stay. To think about this reflection, we dialogue with Foucauldian concepts that deal with body (2017), sexuality (1988), veridiction (2014), confessions (1988) and parrhesia (2011). Based on an analysis of what was said by the then governor of Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), in the program *Conversa com Bial*, and an interview with the governor of Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (PT), for the magazine *Marie Claire*, we conclude that coming out has become a biopolitical process, in a public self-confession. The media is a confessional; the media platforms, the kneeler on which we kneel.*

Keywords: Confession; Sexuality; Tell the truth about yourself.

INTRODUÇÃO

Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente.

(FOUCAULT, 1988, p. 59)

Para iniciar nossa conversa sobre tal mal-estar “de ficar no armário” e a confissão como forma de liberdade, podemos apontar a questão foucaultiana: Por que cuidamos de nós mesmos somente mediante o exercício de dizer a verdade? Essa verdade, enquanto jogo constituidor do sujeito, de uma moral, de corpos, verdades que promovem práticas do cuidado consigo e com a produção discursiva do outro sobre si mesmo. Como apontado por Foucault na epígrafe acima, o sujeito no Ocidente é um animal desesperadamente entregue às confissões.

Sobre essa reflexão da confissão de si para outrem como um jogo de verdade, apresentamos dois acontecimentos importantes para o campo analítico: a confissão de Eduardo Leite, ex-governador do Rio Grande do Sul, em rede nacional, da sua orientação sexual, além das técnicas discursivas de confissão e de saída do armário que a revista Marie Claire utilizou em uma entrevista à governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra, adentrando no campo da subjetividade e intimidade, extraindo, ou tentando extrair, uma declaração da sua sexualidade.

Na primeira conferência pronunciada à Universidade Victória de Toronto, em 1982, Michel Foucault (2017) afirma que há certa obrigação no Ocidente de dizer a verdade sobre si mesmo. Isso não implica apenas expor suas ações, proibições e permissões, mas também seus afetos, sentimentos, desejos, para a aprovação do outro. Dessa forma, fica explícito como a mídia busca, a partir de um jogo discursivo muito bem planejado, a melhor fala, a sentença adequada para a representação do exercício íntimo de seus entrevistados. Questões repetidas, edição das falas e dos textos compõem o método para a publicação das intimidades com palavras de sentido duvidoso, dúbio e retiradas sob pressão, que servirão de tema da matéria. Estratégias essas com o objetivo de consumo do meio em que se publica.

A questão que nos move para pensar é: o que se configura “estar no armário”? Ou ainda, o que é “sair do armário”? Para Sedgwick (2007), estamos nesse trânsito de ora estarmos trancados no armário, ora fora dele. Esse movimento corresponde à própria dinâmica social em que modulamos nosso discurso para falar com pessoas diferentes. Despojamo-nos da formalidade para lidar com pessoas com quem temos familiaridade, ao passo que, reelaboramos nosso discurso para tratar com nossos superiores, com pessoas que não temos proximidade. Então, estar ou não

no armário, integra a condição humana. Podemos estar no armário em uma condição e n'outra não. Entendamos estar no armário como se preservar, se cuidar. Mas, podemos também refletir acerca de como uma negra/negro, ou uma mulher gorda, usam o armário contra uma violência provocada por outrem que os esperam sair? As discursividades desses sujeitos apresentados são sempre-já denúncias inscritas em seus corpos. O exercício de si, enquanto sujeito negro ou gordo, não existe sem essa corporificação. Simplesmente somos a cor e o corpo que temos. A autora citada também trata esse exercício dentro e fora do armário como um ato violento e opressor, mas também lembra de que estar dentro e fora do armário são interações regulares na vida de todo sujeito.

Um dos sujeitos desse artigo utiliza a saída do armário como estratégia de declaração pública e plena de objetivos políticos. Isso fica claro quando, mesmo diante dessa saída, o mesmo trata, via jogo discursivo, "sou um governador gay, e não um gay governador, tanto quanto, Obama, nos Estados Unidos, não foi um negro presidente; foi um presidente negro". É esse dentro e fora do armário que aparece nessa afirmação. Há uma asserção de sua sexualidade, ao mesmo tempo em que tenta enclausurá-la. O político indica um exercício hierárquico profissional versus subjetividades constitutivas de si. Como deixar de ser o que se constituiu a partir de exercícios, de experiencialidades, de afetos e desejos? O movimento dentro e fora está mais que claro nessa situação.

O segundo caso que discutiremos nesse texto, é o contrário do anterior. Vejamos que temos armários diferentes para sujeitos diversos. A entrevistada da revista Marie Claire nos lembra de que nunca houve armários em sua vida, mas prefere seguir sem expor suas intimidades, porque o que interessa é seu trabalho enquanto política. Suas ações, dedicação e ofício são os melhores discursos acerca de si. Suas intimidades não devem ser confundidas com isso. Essa interdição, ou mesmo, esse deixar no armário, tem consequências para o sujeito. Foucault (2017) ainda na primeira conferência nos questiona: "Como certo conhecimento constituiu o preço a ser pago para afirmar uma proibição? Se alguém deve renunciar a tal ou tal coisa, o que deve saber de si mesmo?"² (tradução nossa). O filósofo (1982) afirma que, no Ocidente, dizer a verdade, ou confessar-se sobre, compõe uma tríade. Na primeira, somos herdeiros de uma moral e uma ética cristã que regula e orienta as regras de nossa conduta; na segunda, que o cuidado de si e o conhecer-se sofreram uma inversão; o segundo sobrepondo o primeiro. Importante citar que essa inversão teve força de Descartes a Husserl em que o princípio de conhecer-se apareceu como o princípio primeiro do conhecimento. E, por fim, no terceiro, as questões sobre si devem ser essencialmente uma questão de conhecimento.

A partir desses três princípios acima descritos, o terceiro nos chama atenção por encontrar, nesse confessionalismo midiático, seu transbordamento. Se confessar na mídia, alcança um espaço

de julgamento que desliza do acolhimento pelos simpatizantes até seu exílio midiático. A crítica deixa de ser uma penitência que o levará a remissão dos atos, mas, em muitos casos, ao ostracismo. Vale salientar que, na filosofia clássica, o cuidado de si e o conhecimento de si são exercícios para toda a vida. O despertar dessa prática não deve ser entendida apenas como um momento de confissão de si e de sua identidade, mas como um processo de aprendizagem, de exercício de si e de constituição de subjetividades. Enquanto falamos de si, exercemos para além de uma confissão, discursivizamos nossas práticas.

Nesse sentido, o discurso, segundo Michel Foucault, em sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, encontra na sociedade sua produção ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que objetivam conjurar poderes e perigos, dominar acontecimentos, como também, esquivar sua materialidade, o exercício pleno do confessionário midiático, deixando a pena ser administrada pela opinião pública. Penalidades, muitas vezes mais duras que a entidade metafísica pudera aplicar a todos aqueles que deixaram o armário por algum motivo. Ou mesmo, para aqueles em que a dúvida é mais forte que as declarações de não pertencer mais ao armário. A mídia transita do controle à redistribuição discursiva desses sujeitos que se enquadram em viver ora dentro, ora fora do armário. E é nesse deslizamento que ela atua discursivamente nos obrigando a produzir provas, expor intimidades, sentir-se desconfortável nos nossos exercícios de ser. Assim, nos entregamos discursivamente nos confessionários midiáticos que servem como armadilhas do ser. Foucault nos alerta que há duas regiões em que o exercício do poder é mais intenso, a saber, a região da sexualidade e a região da política. Para nosso interesse de estudo, ambos estão na tessitura discursiva desse confessionário. A mídia e a opinião pública estão interessadas nas questões identitárias quanto às sexualidades derivantes, como também, a constituição de políticos e de suas políticas. Através dessas duas regiões, as interdições e as exclusões são as penalidades imputadas aos sujeitos deslizantes do armário, da mesma maneira que as discursividades para manterem-se afastados desse perigo que é estar de fora e de ser pensada qualquer dúvida acerca desse tema. Foucault (2014, p. 12-13), de maneira assertiva, conclui: "... é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce".

A CORAGEM (E A OBRIGATORIEDADE) DE FALAR: QUANDO A MÍDIA É CONFESSIONÁRIO, O PÚBLICO ESTABELECE A PENITÊNCIA

“No que você está pensando?”, pergunta o Facebook na sua tela inicial. A mídia é um confessionário; as plataformas midiáticas, o genuflexório no qual nos ajoelhamos. Diante de um público ávido pelo dito, em seu poder-saber, recebemos a penitência que nos cabe, aos olhos de quem, ao questionar, subentendia a punição.

Eduardo Leite (PSDB), então, governador do Rio Grande do Sul, em entrevista ao programa *Conversa com Bial*³, no dia 1º de julho de 2021, assumiu-se homossexual pela primeira vez. O apresentador, Pedro Bial, à vista divergências internas com João Dória (PSDB), questiona: “O governador de São Paulo, João Dória, tem dois trunfos: governa o estado mais importante do Brasil e trouxe a primeira vacina contra o coronavírus para o país. Que trunfos que [sic] você tem que João Dória não tem?”. Ao que confessa:

Olha, eu vou apresentar minha trajetória: eu fui prefeito de uma cidade, no Rio Grande do Sul, Pedro, que é polo de uma região muito empobrecida. Mas consegui sair do mandato de prefeito com mais de 80% de aprovação. Ajudei a eleger a minha sucessora. Eu não concorri à reeleição. Eu sou crítico da reeleição. Eu acho que é importante a gente mostrar que tem desapego do poder. Não é sobre nós mesmos, é sobre os outros. Na política, tem que ser assim. Mas, além disso, eu acho que a gente tem que fazer, Pedro, o país também discutir integridade, né? Eu não tô [sic] dizendo aqui que o governador de São Paulo não tenha. Eu não tô [sic] fazendo essa comparação com o Dória. Eu respeito o Dória. Agora, temos estilos muito diferentes de fazer política. Os nossos estilos pessoais são bastante distintos sem dúvida nenhuma. Embora tenhamos até uma visão de mundo semelhante. Afinal, estamos no mesmo partido. Eu acho que o Brasil precisa [sic] recuperar a integridade. Integridade quer dizer, por exemplo, ser por inteiro. A palavra vem disso, íntegro; ser por inteiro. (LEITE, 2021)

Posicionando-se sobre qual seria a sua primazia sobre o adversário, sua declaração foi considerada, por alguns, como uma estratégia política. “É o cartão de visita para a candidatura dele”⁴, ironizou o presidente Jair Bolsonaro em uma entrevista. Conquanto, “o que importa, para Foucault, é ler o texto no seu volume e externalidade (monumental) e não na sua linearidade e internalidade (documental): ‘trata-se de uma análise [que toma] os discursos na dimensão de sua exterioridade’” (VEIGA-NETO, 2007, p. 104), na espessura própria de um discurso-acontecimento.

Assente em uma instituição e um cargo público, Leite utiliza a mídia para fazer uma confissão de si. “Olha, eu vou apresentar a minha trajetória”. Doravante sua eleição como prefeito de Pelotas, município da região sul do estado do Rio Grande do Sul, em 2012; e não como vereador, em 2008; ele inicia o seu relato. Sua subjetividade “não remete evidentemente nem a uma substância nem a uma determinação transcendental, mas a uma reflexividade que se poderia

chamar de prática: uma maneira de se relacionar consigo mesmo para se construir, para se elaborar” (GROS, 2008, p. 128). Dizendo-se abnegado do poder, em um exercício de dar-se ao (e pelo) outro, trata sobre a questão da integridade. “Eu acho que o Brasil precisa [sic] recuperar a integridade. Integridade quer dizer, por exemplo, ser por inteiro. A palavra vem disso, íntegro; ser por inteiro”. Para Aristóteles, em sua *Política*, “é impossível que um Estado seja feliz se dele a honestidade for banida” (ARISTÓTELES, 2006, p. 37), sem a virtude, a coragem e a prudência, que deve concernir tanto no público quanto no privado. Uma felicidade intimamente ligada a uma modalidade de dizer-a-verdade sobre si mesmo, certa prática, uma noção de *parresía*⁵, em uma relação de poder e o seu papel no jogo entre o sujeito e a verdade que, tão somente acontece, a partir de uma concordância entre o que se diz e o que se faz, o sujeito íntegro, encontrando-se “por inteiro”.

Para Foucault (1988, p. 57), existem duas estratégias para produzir a verdade do sexo: *ars erotica* e *scientia sexualis*. Na arte erótica, adotada em sociedades como China, Japão, Índia e nações muçulmanas, “a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência”. Na *scientia sexualis*, ou no conhecimento da atividade sexual dos indivíduos, perfaz um modo ordenado de poder-saber: a confissão. “O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo” (FOUCAULT, 1988, p. 58). É, nessa esteira, que Leite anuncia:

Eu nunca falei de um assunto que eu quero trazer aqui, pra [sic] ti, no programa que tem a ver com a minha vida privada e que não era um assunto até aqui, porque se deveria debater mais o que a gente pode fazer na política e não, exatamente, o que [sic] a gente é ou deixa de ser. Mas nesse Brasil com pouca integridade nesse momento, a gente precisa debater o que se é, para que [sic] se fique claro e não se tenha nada a esconder. Eu sou gay. Eu sou gay. E sou um governador gay. Não sou um gay governador. Tanto quanto, Obama, nos Estados Unidos, não foi um negro presidente; foi um presidente negro. E tenho orgulho disso. (LEITE, 2021)

Na difusão midiática, o Outro não é apenas aquele que questiona, “eu nunca falei de um assunto que eu quero trazer aqui, pra [sic] ti, no programa” (grifo nosso), mas para todo aquele que escuta. A fala de Leite não é emancipada, mas uma resposta a outrem. “Tem a ver com a minha vida privada e que não era um assunto até aqui, porque se deveria debater mais o que a gente pode fazer na política e não, exatamente, o que [sic] a gente é ou deixa de ser”. Trata-se de um assunto que estava sendo questionado, independentemente do seu fazer político, um

“segredo” que precisava ser admitido e manifesto. “Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-na na alma ou arrancam-na ao corpo” (FOUCAULT, 1988, p. 59) para atuar a “serviço da repressão, da censura, da rejeição” (FEDERICI, 2017, p. 345).

Malgrado, não silencia. “Mas nesse Brasil com pouca integridade nesse momento, a gente precisa debater o que se é, para que [sic] se fique claro e não se tenha nada a esconder” (grifo nosso). É preciso dizer a verdade (tâ alethê: as coisas verdadeiras); é imperativo, “nesse Brasil com pouca integridade nesse momento”, ter uma fala franca. “Não ocultar nada, dizer as coisas verdadeiras é praticar a parresía. A parresía é, portanto, o ‘dizer tudo’, mas indexado à verdade: dizer tudo da verdade, não ocultar nada da verdade, dizer a verdade sem mascarar-la com o que quer que seja” (FOUCAULT, 2011, p. 11). Nesse instante, profere: “Eu sou gay”. Outra vez. “Eu sou gay”. Não resta dúvida. Ele diz e repete. “E, finalmente, esse discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim naquele de quem é extorquido” (FOUCAULT, 1988, p. 62). Ele aponta para si, com as duas mãos, e sorri. “Eu gostaria de dizer: ‘É preciso procurar ser gay’, colocar-se numa dimensão em que as escolhas sexuais que fazemos estão presentes e têm seus efeitos sobre o conjunto de nossa vida. [...] é fazer da escolha sexual o operador de uma mudança de existência” (FOUCAULT, 1982 apud ERIBON, 2008, p. 390), um sujeito que conhece (e cuida) de si. “E tenho orgulho disso”.

Ainda assim, Leite aparenta não ter um entendimento sobre o corpo. Apresenta-o como se fosse viável fragmentá-lo. “E sou um governador gay. Não sou um gay governador. Tanto quanto, Obama, nos Estados Unidos, não foi um negro presidente; foi um presidente negro”. Parece que, para o ex-governador, o corpo é o Governo, transpassado por seus marcadores sociais: homem, branco, homossexual. Todavia, uma vez que uma função política é uma condição temporária, ela não é o corpo. São as interseccionalidades que analisam “quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, [...] sob a forma de identidade” (AKOTIRENE, 2019, p. 43-44). Um corpo que não pode ser dissociado; um corpo que é atravessado, mas, jamais, repartido.

Não trouxe esse assunto, mas nunca neguei ser quem eu sou. Eu nunca criei um personagem. Eu nunca inventei ou tentei fazer as pessoas acreditarem em algo diferente. E tenho orgulho, justamente, dessa integridade. Eu entendo que no Brasil, as pessoas já tem muita frustração com os políticos, porque eles parecem ser uma coisa e são outra. E muitos deles tem muita coisa a esconder. E coisas erradas a esconder. Mensalão, petrolão, rachadinhas, esquemas com milícias, seja o que for. Não é isso a minha orientação sexual, que não é algo de errado, que vai ser escondido. Agora, com a minha participação nessa política nacional, por esse debate nacional, começa a despertar, talvez, maiores ataques por conta de adversários, alguns veem com piadas e relações como se tivesse algo a esconder.

Pois bem, que fique claro, não tenho nada a esconder e tenho orgulho dessa integridade de poder, aqui, dizer também sobre a minha orientação sexual, quem eu sou, embora devêssemos viver em um país em que essa fosse uma não-questão, mas, se é, tá aqui claro. (LEITE, 2021)

O discurso de confissão de Leite surge, não pela inquisição de um mestre, mas “como uma palavra requisitada, obrigada, rompendo, através de alguma pressão imperiosa, os lacres da reminiscência ou do esquecimento” (FOUCAULT, 1988, p. 62) a que estava constantemente coagido. “Agora, com a minha participação nessa política nacional, por esse debate nacional, começa a despertar, talvez, maiores ataques por conta de adversários, alguns veem com piadas e relações como se tivesse algo a esconder”. De acordo com a epistemologia do armário, “para as antenas finas da atenção pública, o frescor de cada drama de revelação gay (especialmente involuntária) parece algo ainda mais acentuado em surpresa e prazer, ao invés de envelhecido, pela atmosfera cada vez mais intensa das articulações públicas” (SEDGWICK, 2007, p. 21). A repercussão que a sua fala adquire, prova, apenas, o dizer verdadeiro da autora.

“O problema dele não é a opção [orientação] sexual, mas sim o caráter”⁶. “Eduardo Leite deixe de lado a ‘agenda’ de foro íntimo e vamos ao que é relevante para os cidadãos de bem que optam pela educação de qualidade para seus filhos!”⁷. “Um gaúcho se assumindo gay é igual carioca se assumindo bandido”⁸. Toda confissão tem a sua penitência. Inúmeras críticas ressoavam nas mídias sociais. Em uma delas, o ex-deputado federal, Jean Wyllys, desvelou a história da governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (PT):

Que destaque foi dado por essa mesma imprensa ao fato de Fátima Bezerra (PT-RN), governadora do RN e aliada desde sempre da comunidade LGBTQ, ser lésbica? Nenhum. Mas decidem fazer uma festa com o outing tardio do governador, feito sob medida num programa da TV Globo. E o que mais me espanta é a maneira como jornalistas da chamada mídia alternativa entram nessa festa pobre sem nenhuma crítica e ainda querendo sugerir (quase impor) que nós LGBTQ assumidos (e na luta desde sempre!) que louvamos esse jogo da mesma forma ingênua, pra não dizer burra.⁹ (WYLLYS, 2021)

Em uma tentativa de criticar o posicionamento de Leite, Jean parece ter excedido às paredes da intimidade, expondo outra pessoa no palco da inquisição. Embora a inclua no pronome “nós LGBTQ assumidos (e na luta desde sempre!)” (grifo nosso), essa não é uma pauta da governadora. Levando-a aos trend topics do Twitter, Fátima não teve alternativa a não ser confessar-se. Ela escreveu:

Na minha vida pública ou privada nunca existiram armários. Sempre demarquei minhas posições através da minha atuação política, sem jamais me omitir na luta contra o machismo, o racismo, a LGBTfobia e qualquer outro tipo de opressão e

de violência. O governador Eduardo Leite fez um gesto importante e tem minha solidariedade por ataques que venha a sofrer em razão de sua declaração. Eu sei o que é a dor da discriminação e do preconceito. Os mandatos que recebi do povo, de deputada estadual, deputada federal, senadora e, agora, de Governadora do meu Estado, o RN, sempre estiveram à disposição das lutas civilizatórias. As denominadas minorias são, por vezes, maioria da sociedade, mas pouco representadas politicamente. Tenho orgulho de sempre ter representado essa luta e consciência de que, mais do que nossa condição humana, importa à sociedade as nossas ações para transformar o mundo em um lugar melhor para viver com justiça, dignidade, e direitos iguais para todas e todos.¹⁰ (BEZERRA, 2021)

Entretanto, segundo Sedgwick (2007, p. 22), “há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora”, lugares de proteção. Bezerra não declara abertamente. É possível apenas supor, através de uma face discursiva, um indício linguístico, uma posição-sujeito que a coloca em cena e a aproxima do referente. “Eu sei o que é a dor da discriminação e do preconceito”. Apesar disso, ela não o diz, independentemente das perguntas dos inquisidores, da obrigação de confessar-se. “A senhora é casada?”¹¹. “Mas a senhora é lésbica?”¹². Ela não responde. Ela pode não responder? Ela escolhe não responder.

Para a governadora, assim como para Leite, o que deveria interessar ao público é o seu posicionamento político, havendo, assim, uma disjunção do público e do privado. “Tenho orgulho de sempre ter representado essa luta e consciência de que, mais do que nossa condição humana, importa à sociedade as nossas ações para transformar o mundo em um lugar melhor para viver com justiça, dignidade, e direitos iguais para todas e todos”. Não obstante, em uma entrevista para Marie Claire, publicada no dia 15 de outubro de 2021, da qual a pauta, em gênese, seria “dia dos professores e empoderamento feminino”, a sua confissão é reclamada novamente. Na matéria intitulada “Fátima Bezerra: ‘Nós, mulheres, não devemos nos contentar em ser a exceção’”, 31% das perguntas são direcionadas para a questão da sexualidade. “Quero falar sobre a declaração do Eduardo Leite (PSDB-RS) no programa Conversa com Bial. A internet se dividiu entre ‘que bom que um político se disse gay publicamente’ e ‘isso é manobra política’. Como a senhora viu a declaração dele?”. “A senhora, então, já sofreu ataques homofóbicos?”. “Quando o Jean Wyllys tuitou sobre a senhora, ele também citou a sua caminhada ‘desde sempre’ pelas populações LGBTQIAP+. Quería ouvi-la sobre isso”. “Foi nessa família que aprendeu sobre alteridade, liberdade e respeito ao próximo? Como elas lidaram com sua orientação sexual?”. “Entendo. Em algum momento, algum marqueteiro político ou assessor, alguém chegou para a senhora e falou ‘a sua orientação sexual não pode ficar nítida, não pode ser vivida livremente porque isso vai atrapalhar a política’?”. “Quando a senhora fala do outro, está falando da sua companheira?”¹³. Quando a confissão não é voluntária, ela é extraída a ferros de nós mesmos.

Como na prática psiquiátrica do século XIX, em que “os prazeres mais singulares eram

solicitados a sustentar um discurso de verdade sobre si mesmos, discurso que deveria articular-se não mais àquele que fala do pecado e da salvação, da morte e da eternidade, mas ao que fala do corpo e da vida” (FOUCAULT, 1988, p. 63), a mídia articula-se como um discurso da ciência, “uma ciência-confissão, ciência que se apoiava nos rituais da confissão e em seus conteúdos, ciência que supunha essa extorsão múltipla e insistente e assumia como objeto o inconfessável-confesso” (FOUCAULT, 1988, p. 63). Foucault (1988, p. 64) delimita cinco procedimentos pelos quais, essa vontade de saber relativa ao sexo, fez funcionar os rituais da confissão nos esquemas da regularidade científica: através de uma codificação clínica do “fazer falar”; do postulado de uma causalidade geral e difusa; do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade; do método da interpretação; e da medicalização dos efeitos da confissão.

Em um dado momento da entrevista, uma assessora da governadora intercede, asseverando que “a política não abrirá para `namoradas e romances””. A própria Fátima reitera duas vezes. “Prefiro não responder essa pergunta”. “É que preferia contar do que estou fazendo como governadora. Não me leve a mal, não estou fugindo da pergunta”. Inobstante isso, em uma confissão em que participam o interrogador e o interrogado, “o princípio de uma latência essencial à sexualidade permite articular a coerção de uma confissão difícil a uma prática científica. É bem preciso arrancá-la, e à força, já que ela se esconde” (FOUCAULT, 1988, p. 65). O desconforto causado é quase palpável. Nas suas palavras, nas fotos para a reportagem. “A cena do testemunho, o face a face, a constelação de forças do presente deixam suas marcas no testemunho, tanto quanto a perspectiva dos fatos, a entonação da voz, os silêncios e os gestos de quem fala” (RAGO, 2013, p. 19). Diferentemente das imagens do seu arquivo pessoal, Bezerra tenta um quase sorriso, mas não sorri.

O inquisidor parece saber algo que nunca foi dito. Contudo, se Fátima não diz, então, diremos nós. Seja pela revelação do ex-deputado federal ou por uma inferência estereotípica, sua sexualidade é manifestada pelo outro que, ao mesmo tempo em que pergunta, atende apenas uma afirmação. “Mas Fátima desafia um tanto mais o establishment nacional e vive, sem nunca ter omitido isso, como uma mulher que ama mulheres”. “Como elas lidaram com sua orientação sexual?” (grifo nosso). “Em algum momento, algum marqueteiro político ou assessor, alguém chegou para a senhora e falou `a sua orientação sexual não pode ficar nítida, não pode ser vivida livremente porque isso vai atrapalhar a política’?” (grifo nosso). “Quando a senhora fala do outro, está falando da sua companheira?” (grifo nosso). Silêncio. “As formas de coerção física são precisamente a imposição indesejável da força aos corpos: estar atados, amordaçados, expostos à força, ritualisticamente humilhados” (BUTLER, 2018, p. 87). A sociabilidade constitutiva do corpo em seu limite de sobrevivência do self. Bezerra que sabe “o que é a dor do preconceito”, emudece. “Assunto encerrado”, como escreve a Marie Claire. Acaso, por medo de ataques, de um

cancelamento na fogueira midiática. “Já sofri não, continuo sofrendo. Sei muito bem o que é a extensão dessa dor, como ela pode ser cruel”. Porventura, pelo que apresenta como “uma série de questões que envolvem suscetibilidades”. “E não posso falar só por mim, tenho que olhar do ponto de vista do outro, o outro tem suas inseguranças”. Todavia, o fato é que, em um cenário no qual há uma obrigatoriedade midiática por confessar-se, calar também é um exercício de transgressão.

CONCLUSÃO

Entrevistas-confissão tem exercido, na mídia, o papel de confessor da sexualidade de sujeitos públicos que mantinham em sigilo ou que não acreditavam que a orientação sexual deveria ser o “mot” que conduz sua vida pública. Sem embargo, na gestão de uma biopolítica, exige-se uma saída do armário. Por vontade ou não, confessamos, de joelhos, aguardando a penitência que nos será facultada.

“Esse salame é do governador”¹⁴, foi uma declaração do presidente Jair Bolsonaro na 44ª Expointer, no dia 11 de setembro de 2021. “Agora, com a minha participação nessa política nacional, por esse debate nacional, começa a despertar, talvez, maiores ataques por conta de adversários, alguns veem com piadas e relações” (grifo nosso). Sair do armário é uma prática de liberdade, mas também de exposição. Quando nos mostramos, tornamo-nos também vulneráveis. Decerto, por isso, estejamos sempre escondidos atrás de escudos, dentro de armários, protegidos das lanças dos adversários, do olhar especulador do outro.

Nesse caminho, Foucault (2010, p. 238) estabelece dois poderes articulados em torno da sexualidade: o das disciplinas do corpo e o do governo da população, apontando “a importância do sexo, não como depósitos de segredos e fundamento da verdade dos indivíduos, mas, antes, como alvo, como ‘móvil político’”, como princípio da regulação e controle dos corpos. O que aparentemente atende apenas à curiosidade do público, é também uma forma de gestão da vida. Mediante uma articulação política ou um exercício de cuidar de si, Leite é alcançado pelos mecanismos de poder da sexualidade e confessa. Não obstante, Bezerra mantém o silêncio. O que nos apresenta é um vislumbre, traços linguísticos, mas não uma assertiva. O jornal Tribuna do Norte fez uma declaração sobre a reportagem da Marie Claire: “[...] as relações amorosas e orientação sexual é de cada um. O silêncio da governadora Fátima é coerente com suas atitudes na vida pessoal desde sempre. Querer calar ou falar sobre isso não pode jamais ser imposição da imprensa ou de qualquer que seja”¹⁵. Estar ou não no armário, é uma decisão do sujeito

confesso ou inconfesso.

Para pensar o armário, suas dinâmicas de estar dentro, fora, às margens, ou mesmo, transitando entre tais espaços, se faz urgente recorrer também a toda uma possibilidade de ser o “nós vitorianos” que Foucault (1988) analisa na História da Sexualidade I: a vontade de saber. Discursos como às sexualidades ilegítimas devem ser postas em um lugar que não incomodem, se não puder está expressa enquanto produção, ao menos situe-se no campo do lucro, ou, nos espaços de tolerância que abrigam os loucos, as prostitutas, os gays, dos quais os espaços são permitidos gestualidades, palavras e sentimentalidades. Ser clandestino de si mesmo e ser aprisionado cada um em seu armário privado. O que nos parece é que viver, também é escolher um armário para chamar de seu. Os nossos sujeitos de estudo desse texto são o reflexo dessa nossa discussão. Cada qual vive seu armário e peregrinam por apenas ser capazes de redimir sua condição de vitorianos aos moldes descritos por Foucault. Discutir as questões da sexualidade é imperativo para entender a sociedade que vivemos; seus dispositivos de vigilância e gerência dos corpos. Nas palavras de Veiga-Neto (2012), é preciso ir aos porões, de modo que “ativamos nossas indagações e aticamos nossas indignações” (VEIGA-NETO, 2012, p. 280) para além de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.

ARISTÓTELES. Política. 6ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Cia Freud, 2008.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução do coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade do saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, edições Graal, 1988.

_____. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. Dire Vrai sur soi-même: Conférences prononcées à l'Université Victoria de Toronto, 1992. Librairie

Philosophique J. VRIN, 2017.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). Figuras de Foucault. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Cadernos Pagu, São Paulo: Unicamp, v.28, p. 19-54, janeiro-junho, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 27 jun. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. É preciso ir aos porões. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, v. 17, n. 50, maio-ago, 2012.

NOTAS

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

2. No original: “Comment certaines connaissances ont-elles constitué le prix à payer pour faire valoir une interdiction? Si on doit renoncer à telle ou telle chose, que faut-il connaître de soi-même?”.

3. Eduardo Leite assume homossexualidade no “Conversa com Bial”. Disponível em: <https://www.youtube.com/>

watch?v=c_d0e6WDuoM. Acesso em: 21 jun. 2022.

4. Bolsonaro ri após declaração de Eduardo Leite e ironiza: “Se achando o máximo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fC-hJ6VvjGA>. Acesso em: 24 jun. 2022.

5. “A parresía é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (FOUCAULT, 2011, p. 13).

6. Comentário na publicação do G1 no Twitter. “Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul, fala sobre homossexualidade em entrevista a Bial: ‘Eu sou gay. E tenho orgulho disso’”. Disponível em: <https://twitter.com/nirlamarques/status/1410762028617285632>. Acesso em: 26 jun. 2022.

7. Comentário na publicação do G1 no Twitter. “Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul, fala sobre homossexualidade em entrevista a Bial: ‘Eu sou gay. E tenho orgulho disso’”. Disponível em: <https://twitter.com/angelagindri43/status/1410792589519896577>. Acesso em: 26 jun. 2022.

8. Comentário na publicação do G1 no Twitter. “Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul, fala sobre homossexualidade em entrevista a Bial: ‘Eu sou gay. E tenho orgulho disso’”. Disponível em: <https://twitter.com/leoseedorff/status/1410776694932262915>. Acesso em: 26 jun. 2022.

9. Twitter @jeanwyllys_real, publicado no dia 2 de julho de 2021, após o programa Conversa com Bial. Disponível em: https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/1410820667843518464. Acesso em: 26 ago. 2022.

10. Twitter da governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (@fatimabezerra). Disponível em: <https://twitter.com/fatimabezerra/status/1411050271279620097>. Acesso em: 26 jun. 2022.

11. Comentário no post da governadora Fátima Bezerra (PT) no Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/>

zito2022/status/1411058983494893569. Acesso em: 27 jun. 2022.

12. Comentário no post da governadora Fátima Bezerra (PT) no Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/zito2022/status/1411056159138660356>. Acesso em: 27 jun. 2022.

13. Entrevista para a revista Marie Claire: Fátima Bezerra: “Nós, mulheres, não devemos nos contentar em ser a exceção”, publicada no dia 15 de outubro de 2021. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/Politica/noticia/2021/10/fatima-bezerra-nos-mulheres-nao-devemos-nos-contentar-em-ser-excecao.html>. Acesso em: 26 ago. 2022.

14. “Esse salame é do governador”, diz Bolsonaro sobre Eduardo Leite. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S9ZJLmRizAI>. Acesso em: 30 ago. 2022.

15. Fátima Bezerra “sem armários” e sem intimidades na Marie Claire. Disponível em: <http://blog.tribunadonorte.com.br/territoriolivre/fatima-bezerra-sem-armarios-e-sem-intimidades-na-marie-claire/>. Acesso em: 30 ago. 2022.